

Alguma crônica deve ser de amor

Douglas de Oliveira Tomaz

Escorregou pelo chão quente o seu corpo suado. Já estava só de cueca – sol o obrigara. Ventilador não supera meu fogo, repetia a si mesmo, enquanto escorria. Em sua cabeça, via-se como uma massa gelatinosa, grudenta. Era o calor, repetia. Tudo culpa do calor. Se não houvesse essa quentura, tudo seria melhor, eu estaria correndo por campos verdejantes como na clássica cena de *A Noviça Rebelde*. Se não houvesse mormaço, quarto não teria se tornado este abrigo subterrâneo contra bombardeios. Abrigo inútil. Vento ainda entra pelas frestas e me arranca o couro. Derreto.

Assim, derretido, lembrou-se da mensagem que recebera pela manhã. Um amigo distante, daquela outra vida, dizendo: *Olá, tudo bem? Sinto sua falta. O que tem feito? Não se esqueça de que existo. E como esquecer, seu filho da puta?* pensou, mas não respondeu a mensagem prontamente. Levantou-se da cadeira, gastou a manhã com outras hesitações e até conseguiu ignorar o atordoamento. Mas nada escapa ao meio-dia. Nada consegue fugir do sol a pino. E, então, como esquecer este ostracismo? Esse silêncio todo que separou nossos corpos intocados. Se não fosse a porra do seu silêncio, talvez eu tivesse insistido na outra vida, fumando maconha e pensando que o mundo pode ser melhor. Se não fosse seu namoro de adolescência – seis anos! *Crescemos, amadurecemos juntos. Sei, sei, sei.*

No chão morno, lembranças repentinas misturadas a água e sais minerais: o dia em que foi acordado pelos carinhos dele no sofá de um amigo, festa ainda acontecendo ao redor, acordou e ele alisava seu cabelo, falava algo sobre ter perdido a virgindade com a namorada, mas, mesmo depois de tudo, estar confuso se ainda poderiam continuar. Outra lembrança maldita: os dois caminhando no meio de um aglomerado de pessoas, de mãos dadas para não se perderem um do outro. E mais: o dia em que ele o levou em casa de moto e deixou sua mão recostada na coxa do amigo na garupa. Eu, o amigo da garupa, sem saber o que fazer com aquela mão, tentando ao máximo me afastar dela porque não queria dar bandeira, não queria passar a impressão de *estar dando em cima de um amigo hétero.*

A última recordação não veio porque até hoje não sabe como se despediram. Apenas chegou o dia em que não fumava mais, nem havia utopia, só o calor que de tempos em tempos trocava sua pele.

Tentou se colocar no lugar do outro. E se houvesse desejo verdadeiro engolido a seco? O que fazer com aqueles seis anos de namoro? O que fazer com o amigo hesitante? Abraçar-lhe mais forte? Dizer com o abraço que *é, é verdade*? Repeli-lo e dizer com a distância presente que *sim, continua sendo*? Silenciar-se? Ir embora da cidade? Pedir a namorada em casamento? Casar, ter filhos, sonhar com o amigo de outro tempo, ter repetidas poluições noturnas, mandar-lhe mensagem em algum momento? O que fazer com o desejo? E a falta de desejo, em que resulta? Foda-se a alteridade.

O único fato palpável é a quentura de tudo. E o passado. E as marcas do tempo. Ah, que poético! *Marcas do tempo*. Parece nome de novela ruim. Essa história toda soa como uma *Malhação* do lado b. Se crises existenciais gays passassem na tevê – filosofou por um instante. Mas não passam. Tudo um dia vira silêncio. Tudo agrupado no mesmo floco de sujeira intitulado: Silêncio Constrangedor.

Levantou-se do chão, mas tudo ao redor já era água salgada. Nadou até o computador. Respondeu ao amigo de outras vidas que *sim, tudo ia bem, muitíssimo bem*, citando Caio, e no final anexou a cena de *A Noviça Rebelde*, anexou os campos verdejantes, não citou que na vida de agora fazia muito calor. E a pele ainda não fora completamente trocada.